

RESENHAS

OLAVO BILAC: O RETALHISTA DO COTIDIANO

SCHERER, MARTA. IMPRENSA E BELLE ÉPOQUE: OLAVO BILAC, O JORNALISMO E SUAS HISTÓRIAS. PALHOÇA: ED. UNISUL, 2012. 185P.

Copyright © 2013
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

RESENHADO
POR JEANA LAURA DA CUNHA SANTOS

O termo coleção, derivado do latim, é a junção de *co* mais *legere*, sendo que este último provém da agricultura e significa “colher”, “escolher”, “recolher”. Nessa perspectiva, o colecionador moderno realiza a sua colheita buscando na profusão de coisas do mundo não o arcaico, mas o residual; liberando o objeto de seu uso cotidiano, desprende dele o tempo, recupera no antigo o lugar do novo, faz do “tempo-ontem” um tempo saturado de “agoras”. “Renovar o mundo velho – eis o impulso mais enraizado no colecionador ao adquirir algo novo” (BENJAMIN, 1994, p. 229).

Renovar o mundo velho talvez seja o maior mérito do livro *Imprensa e belle époque: Olavo Bilac, o jornalismo e suas histórias*, publicado em agosto de 2012 pela Editora Unisul. Ao escavar as prateleiras do colecionador de histórias, Olavo Bilac, a jornalista e doutora em Literatura, Marta Scherer, conseguiu remover a poeira do tempo que se depositava nos ombros do escritor carioca para lhe dar um sentido de vanguarda. Optando pelo miúdo da crônica contra a totalidade da sua literatura canônica, conferiu-lhe leveza. Afinal, o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, em que pese ser um dos grandes nomes da poesia do século XIX, foi um cronista de mão cheia. No estilhaçado da crônica bilaquiana, há todo um documento das mínimas histórias de uma cidade que, enquanto se modernizava, também produzia resíduos. Caberia, então, ao “bufarinheiro” Bilac recolhê-los.

Caberia também à autora agir como uma “retalhista”, uma “varejista dos assuntos”, que seguiu à risca o convite de Bilac para meter

a mão na caixa do bufarinheiro: “Metete dentro dela a tua mão e serve-te a vontade” (BILAC apud SCHERER, 2012, p. 110). Dali saíram os textos de Bilac publicados entre 1892 e 1908 e que versam sobre a vida na imprensa e o exercício da profissão do jornalista. Na sua escavação, sobretudo nas prateleiras da Biblioteca Nacional, Scherer não só desenterrou dezenas de crônicas nunca antes publicadas como também soube assinalar no terreno de hoje o lugar do antigo. Resgatando as “experiências” vividas por uma época marcada por inúmeras transições, deu um novo significado a elas para que por meio delas se pudesse ler o amanhã. Ou na assertiva de Benjamin (1994, p. 229), os colecionadores “se tornam intérpretes do destino”.

Desse modo, a obra *Imprensa e belle époque* acerta ao colocar Bilac como um desses intérpretes, o qual abordaria assuntos até hoje discutidos pelos pesquisadores sérios da ética jornalística ou pelos protagonistas da área em rodas de botequim: a questão de publicar ou não suicídios na imprensa, a predileção dos leitores pelos escândalos da vida privada, a antecipação da figura do ombudsman, entre outras; muito embora, em alguns momentos, o livro apenas faça o apanhado dessas questões sem interpretá-las profundamente ou sem contextualizá-las na sua vasta dimensão histórica. Exemplo disso é a menção que faz à questão da censura como um dos empecilhos ao fazer jornalístico. Ao se referir às medidas tomadas pelo presidente Floriano Peixoto, “cuja mão de ferro foi sentida de forma contundente por todos os intelectuais da época” (SCHERER, 2012, p. 102), pouco explica que medidas seriam essas e o que se cerceava com tal prática de exceção.

Em outros momentos, no entanto, traz à luz toda uma contextualização curiosa que elucida os caminhos que levaram o cronista “bufarinheiro” ao jornalista profissional. É o caso das páginas que recontam como se organizou a primeira associação da classe, a proposta da tabela de honorários, a realização de cursos e congressos para os incipientes jornalistas, a estabilidade no emprego, os benefícios e as aposentadorias, preocupações recorrentes em Bilac e mostradas aqui pela autora como um testemunho das primeiras camadas de constituição do jornalismo nascente.

Em sua predileção pelo miúdo da crônica de Bilac, que anteciparia toda uma história em movimento, a autora coloca-se na condição do colecionador que se apropria dos restos para dotar-lhe de novas significações. Tal perspectiva lança luzes fecundas sobre o nosso presente histórico, contribuindo para o entendimento tardio do jornalismo nascente nos idos tempos da virada do século XIX para o

XX. Agindo cautelosamente como um “homem que escava”, converte-se ela própria numa colecionadora benjaminiana das miúdas histórias do colecionador Bilac.

Histórias de um tempo que são miniaturizadas, despedaçadas, para caberem nas folhas partidas do jornal. E, em que pese a sua transitoriedade, continuam a viver. Ainda aludindo ao colecionador de selos, Scherer evidencia uma perspectiva similar à de Benjamin: “Quem examina pilhas de cartas antigas, a ele, um selo, que há muito tempo está fora de curso, sobre um envelope frágil, diz mais que dúzias de páginas relidas” (BENJAMIN, 1994, p. 57). Eis também a intenção do cronista que, assim como o colecionador, busca o residual e as miudezas produzidas pela metrópole e que assumem um lugar estratégico para a reflexão contemporânea.

Ao preferir em Bilac o residual da crônica, o livro *Imprensa e belle époque*, ganhador do prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo (Melhor Dissertação em 2011), fornece-nos um panorama das várias histórias produzidas no bojo de uma metrópole que se queria moderna e de uma atividade tão moderna quanto a cidade que a engendrou: o jornalismo. Logo, pelo seu caráter desprezioso e miúdo, talvez a crônica documente muito mais as experiências que se produziam não mais nos interiores das casas ou dos gabinetes burgueses, mas nas ruas.

Nesse contexto, os fragmentos de texto, as ruínas, adquirem importância fundamental. E o miúdo, esvaziado de seu sentido cotidiano, ressurge para o observador como material poético ou histórico, como ressurgiu para a colecionadora Scherer, que admite: “Mergulhar no vasto acervo de crônicas de Olavo Bilac foi como vasculhar um ‘baú de histórias’ em que se guardam, intocadas por vezes, memórias de um passado que não acabou” (SCHERER, 2012, p. 133). Assim, ao tocar nessas memórias, em um movimento benjaminiano, inscreve o passado da atividade jornalística nas linhas do atual.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: obras escolhidas. v. II. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Jeana Laura da Cunha Santos é Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista e pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. E-mail: jeanasantos@terra.com.br